

RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR: AMBIENTE ESCOLAR E FAMILIAR

Eliane Lima Piske¹

Andreia Costa Juliano²

Angela Adriane Bersch³

Maria Angela Mattar Yunes⁴

RESUMO

A escrita visa apresentar uma ação proposta numa disciplina do curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG) envolvendo dois projetos de extensão: Psicomotricidade Relacional e Educação Parental, desenvolvido com crianças numa escola da rede pública estadual. Escutar as percepções das crianças sobre as diferentes estruturas familiares no ambiente escolar e problematizar as relações familiares numa perspectiva interdisciplinar foram os objetivos do trabalho. Utilizamos com base teórica e metodológica a Bioecologia do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1996). Alcançamos com a intervenção que a escuta atenta e o diálogo sobre as diferentes estruturas familiares são necessárias nas atividades escolares.

Palavras-chave: Escola. Crianças. Família. Professores. Interdisciplinar.

1 INTRODUÇÃO

O relato de pesquisa visa apresentar uma ação resultante de discussões mobilizadas pela disciplina: Infância, globalização e participação do grupo social das crianças no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande- (FURG), que contou com 8 educadores ambientais de diversas áreas do conhecimento, como Educação Física, História, Pedagogia, Geografia, dentre outros que, cursavam Mestrado e/ou Doutorado no PPGEA.

¹ Universidade Federal do Rio Grande- FURG, Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental-PPGEA. E-mail: e.nanny@hotmail.com.

² Universidade Federal do Rio Grande- FURG, Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental-PPGEA. E-mail: andreiacosta.juliano@gmail.com.

³ Universidade Federal do Rio Grande- FURG, Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental-PPGEA. E-mail: angelabersch@gmail.com.

⁴ Universidade Federal do Rio Grande- FURG, professora Doutora da Unilassale e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental- PPGEA. E-mail: mamyunes@yahoo.com.br.

Os encontros eram semanais e mediados pelas rodas dialógicas, onde compartilhávamos conhecimentos sobre as infâncias e a partir das discussões foram propostas ações aos educadores ambientais.

As discussões aconteciam em rodas de conversas, que possibilitaram a três educadoras ambientais refletir e aliar o tripé ensino, pesquisa e extensão pelas ações desenvolvidas no Programa Centro de Referência em Apoio as Famílias (CRAF). O CRAF é um Programa de Extensão da FURG, que fica localizado no extremo Sul do país, na cidade de Rio Grande/RS e é um centro que conta com cinco projetos interdisciplinares que juntos realizam (além de ser referência) atividades que abordam temas envolvendo a família, a escola e a comunidade, como: Prevenção a Violência, Mediação de Conflitos, Educação Parental, Cuidando os Cuidadores e a Psicomotricidade Relacional.

No decorrer da escrita, apresentaremos uma ação que foi desenvolvida com foco em dois projetos: Psicomotricidade Relacional e Educação Parental, numa escola da rede pública estadual com crianças na faixa etária de 3 até 12 anos, totalizando 18 crianças e contando com 2 coordenadoras, uma do curso de Educação Física e outra do curso de Pedagogia, além de 6 bolsistas de extensão. A inspiração se deu ao participar ativamente das discussões em rodas na disciplina de infâncias, no decorrer do segundo semestre de 2015 aliando as ações do projeto com os objetivos de escutar as percepções das crianças sobre suas concepções de famílias no ambiente escolar e familiar.

As atuações dos projetos Educação Parental e Psicomotricidade Relacional (NEGRINE, 1995) implicam o apoio e a orientação às famílias sobre o cuidado das crianças de forma responsável e protetiva visando possibilitar um espaço dialógico, participativo e interativo com/entre as crianças no ambiente escolar e familiar. Conforme Cruz (2008) explicita, se queremos entrar no mundo das crianças, devemos dar espaço e tempo para ações individuais em prol das coletivas. Cientes que a interdisciplinaridade pode e deve rejunta ciências ao potencializar o desenvolvimento e a participação ativa das crianças ao interagir sobre/com as famílias, justificamos a escrita deste artigo.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi elaborada a partir de uma construção coletiva para escutar as crianças, tendo como base teórica e metodológica a bioecologia do desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 1996), a partir de uma contação de histórias a ser completada pelas próprias crianças com o uso de fantoches, movimento e expressão corporal, que resultaram em desenhos a partir da temática família. A história foi interpretada por um fantoche, chamado Théo que contava uma narrativa sobre as diferentes estruturas familiares que se encontravam na escola, logo as crianças eram convidadas a continuar a história, de acordo com a criatividade, ao utilizar as múltiplas linguagens corporais e de acordo com as expectativas e percepções ao desenhar seus familiares e/ou as diferentes estruturas familiares existentes em nossa sociedade contemporânea.

3 RESULTADOS

As maneiras diferenciadas no tratamento e ao lidar sobre as percepções das crianças no ambiente escolar e familiar mostraram uma fragilidade em dialogar e construir um trabalho ao ouvir o que as crianças pensavam sobre as famílias. Sabemos que antes de apontar os erros precisamos investigar as causas das dificuldades em problematizar sobre as diferentes estruturas familiares, foi exatamente isso que fizemos ao averiguar e estabelecer um diálogo com as crianças.

Enfim, nós educadores ambientais precisamos ser/estar flexíveis, dispostos e atentos para desenvolver práticas educativas com as crianças sobre as relações familiares e não ao contrário, precisamos escutar o que as crianças sabem e querem nos contar sobre as diferentes estruturas familiares. Com a intervenção, obtivemos que a escuta atenta e o diálogo sobre as diferentes estruturas familiares são importantes no ambiente familiar e escolar.

De forma coletiva, começamos uma história e as crianças continuaram a sua maneira, nos contando um pouco sobre suas famílias, todas as crianças foram identificadas por pseudônimos. Como podemos perceber pelas palavras de uma das crianças, o Luka:

Oi! Aqui quem fala é o Luka e tenho duas mães e deixa eu vê, tenho, tenho muitos irmãos. Só que sabe assim, a gente nem pode ficar tão junto assim, o pai dos meus irmãos ta sempre dizendo que não podemos nos ver e que ele não vai deixar um menino ir ver duas mulheres (LUKA).

Concluimos que não existe uma única estrutura familiar em nossa sociedade e que, todas elas precisam ser respeitadas. Embora no diálogo tenha ficado claro, o quanto os preceitos atrapalham as relações familiares, impedindo uma relação sadia ao considerar a diversidade de gênero. Posteriormente, as crianças fizeram um desenho, interpretaram e foram à frente contar sobre suas construções em relação a temática famílias, conforme relato da Ana:

Eu vou partir a folha ao meio e fazer duas famílias, a família da minha mãe e a família do meu pai. Agora eu to desenhando da minha mãe (...) É eu, minha mãe, o meu vô, a minha vó, meu dindo e meu tio, minha irmã. Ah, e meu irmão emprestado e depois é do meu pai e lá é só minha tia e ele, e eu, né (Ana).

A criança nos contou que nunca ninguém tinha deixado dividir a folha, representando sua família, inclusive perguntou mais de uma vez: *“posso mesmo cortar a folha ao meio? Vou cortar a folha mesmo”* (Ana). Percebemos a insegurança dela ao falar sobre sua família e principalmente, o medo em representar seus familiares em dois ambientes distintos. Entendemos que comparar famílias é um equívoco e não podemos, embora fique evidente nas palavras de Ana. É algo que precisamos confrontar e, sobretudo, mobilizar ações para que todos percebam que não existe uma única estrutura familiar, assim podem e devem ser representadas de diferentes maneiras.

As famílias fazem e são parte de construções escolares em permanente desenvolvimento, não podemos esquecer que somos e fazemos parte das diferentes estruturas familiares. Somente compreende a importância da arte de escutar e, que isso vai além de ensinar sobre famílias, quem aprende a ouvir o que pensam as crianças sobre as diferentes estruturas familiares que se encontram nas escolas. Como podemos confirmar, novamente com a fala da Ana:

eu nunca tinha cortado a folha, agora ta aqui minhas duas, olha minha avó, meu cachorro e na outra tá a mãe também. Na escola nem lá em casa podia cortar a folha ao meio e quando ia fala, logo dizia pra para com isso e que eu tinha que era que entender que agora era assim.

Nós, educadores das infâncias precisamos estar atentos para não cair onde não queremos, ou seja, no individualismo de propostas para as crianças, ao desconsiderar seus conhecimentos e expectativas quando nos contam o que pensam sobre determinado assunto. O grande desafio para trabalhar sobre/com as diferentes estruturas familiares nada mais é do que deixar o individual em

prol do coletivo, estabelecendo um diálogo **com** as crianças, ao escutar o que elas sabem e querem nos contar sobre suas famílias, conseqüentemente, experienciando a partir do vivido pelas crianças no ambiente familiar que se encontram no contexto escolar: relação interdisciplinar, que precisa e deve ser problematizada ao considerar a diversidade humana.

Conforme apontam estudos que nos fazem pensar nas razões pelas quais desejamos a interdisciplinaridade e, paradoxalmente, temos tanta dificuldade em propor e realizar atividades inter nas práticas educativas (Japiassu, 2006), em especial, com as crianças. Diante desta prerrogativa, apostamos em aprendizagens coletivas ao problematizar as diferentes estruturas familiares existentes em nossa sociedade, integrando os conhecimentos que são e fazem parte dessa pluralidade inter.

Percebemos que, ao dialogar com as crianças podemos fugir das verdades absolutas e, construir conceitos coletivos, como famílias no singular, já que consideramos diferentes estruturas familiares na sociedade. O que vem ao encontro do que ressalta Amaro:

O estudo das várias dimensões das famílias deve ser feito numa perspectiva dinâmica, mostrando que **a família é uma instituição em permanente evolução** e que a sua estrutura, as suas funções e **as relações que se estabelecem entre os seus membros sofrem modificações ao longo do tempo** (AMARO, 2014, p. 5, grifos das autoras).

A heterogeneidade que faz e é parte das diferentes estruturas familiares é o que movimenta a existência humana nos diferentes contextos familiares que se encontram e constroem aprendizagens na escola, “o primeiro momento para conhecer a família é a OBSERVAÇÃO. Nada mais é do que olhar” (SZYMANSKI, 2011, p. 78). O olhar atento as peculiaridades é fator decisivo ao desenvolvimento, assim como o diálogo é fundamental para compreender a existência humana que estão e fazem parte das estruturas familiares.

Diante desta junção, percebemos que as estruturas familiares em nossa sociedade são múltiplas e as crianças precisam expor suas percepções, para assim, trabalhar de maneira interdisciplinar sobre as famílias que se encontram e estão no contexto escolar. As práticas educativas escolares precisam ser e estar aliadas ao tentar reverter as ações que desconsideram a escuta das crianças frente a suas percepções sobre as famílias, estando assim em parceria: escola e

famílias, vindo ao encontro do que compartilha Szymanski: “Como instituição social, a família sempre esteve inserida na rede de inter-relações com outras instituições, em especial com a escola” (SZYMANSKI, 2011, p. 21).

No intuito de fortificar esse entrelace, apostamos na parceria com o Projeto Educação Parental, que inclui atendimentos e palestras nas comunidades envolvendo o ambiente escolar ao (re)pensar sobre a temática famílias, concomitantemente com o Projeto Psicomotricidade Relacional, que aposta em sessões lúdicas, cooperativas e interativas pelas aprendizagens que, podem ser compartilhadas com os familiares, com as crianças e com os professores numa permuta interdisciplinar. Atualmente, as diferentes estruturas familiares se fazem presente no contexto escolar pela socialização, mas será que garante de fato e de forma efetiva a inserção das diferentes estruturas familiares nas propostas escolares?

Precisamos investigar as causas e consequências das diferentes estruturas familiares não serem inseridas e problematizadas no ambiente escolar, embora cientes que “há inúmeros fatores a serem levados em conta na consideração da relação família/escola” (SZYMANSKI, 2011, p. 21). Devemos trabalhar numa parceria entre/com a escola, as famílias e as crianças, tríade indispensável para garantir os conhecimentos plurais e sentidos ao viabilizar estudos sobre as diversas famílias que se encontram no contexto escolar, como reitera Fazenda: “novas formas de conhecimento, a do conhecimento vivenciado e não apenas refletido, a de um conhecimento percebido, sentido e não apenas pensado” (FAZENDA, 2007, p. 115).

Nesse sentido, a conversa sobre/com as famílias propostas nas rodas dialógicas compartilhadas na disciplina: Infância, globalização e participação do grupo social das crianças resultaram com a intervenção realizada ao aliar os Projetos Educação Parental com as sessões de Psicomotricidade Relacional, potencializando as diversas e múltiplas manifestações das crianças sobre serem e/ou não ouvidas no contexto escolar e familiar.

Visto pelo relato das crianças, elas se percebem separadas do mundo dos adultos, como falou Joyce: “os adultos ficam lá fazendo coisas deles e aqui as crianças”. Percebemos com esse relato, como se as crianças estivessem fora dos contextos, infelizmente, como menciona outra criança, a Marta:

Nem adianta eu falar que gosto do pai, a mãe não deixa mesmo e eu queria ir lá e ai ela diz que lá as pessoas não presta e são grande, que é aqui que tenho crianças pra brincar, ir na escola e andar de bicicleta, sempre, sempre me pergunta se eu esqueci o que ele fez comigo.

Os argumentos mostram que as crianças não são ouvidas o que é confirmado nos relatos da Ana, da Marta, da Joyce e do Luka, o que também podemos comprovar com o desenho de João e sua interpretação ao contar:

(...) Foram e eu corri, corri atrás. Eles estavam dentro do caminhão e eu fui correndo (...). Não alcancei, fiquei, agora tenho que ficar só em casa com a mãe que tem medo do pai me roubar também e eu não vi nunca mais, não vi meu irmãos que agora estão lá, lá longe com o pai.

“Desenhos são pedaços de individualidade, forjados nas tramas da intersubjetividade, são instantes de prazer e alegrias para as crianças. É um jeito de aprender, de existir, de contar de si, de falar do outro, de partilhar, de experimentar e experimentar-se” (PROTÁSIO, 2009, p. 6). A expressão da criança denotava tristeza, o que logo descobrimos, se tratava de uma separação, aliás, mais uma e ele não poderia brincar mais nem jogar futebol com os irmãos. Ele contou que sua mãe já tinha se separado uma vez e ele teve seus irmãos afastados repentinamente, o que aconteceu novamente. O que vem ao encontro do que compartilhamos com Corsaro: “os efeitos das mudanças nas famílias sobre a vida cotidiana das crianças são raramente consideradas” (CORSARO, 2011, p. 16).

Diante dos relatos, verificamos mais do que nunca os efeitos das alterações familiares, além do quanto são necessárias ações junto com as famílias, alunos e professores, jamais isoladamente. O psicomotricista ao atuar com as crianças precisa ter claro essas informações e incorporá-las nas suas interações e nos seus planejamentos. As intervenções nos Projetos não aconteceram individualmente, foi necessário o compartilhamento de aprendizagens com todos os atores, numa perspectiva interdisciplinar.

As crianças tendo a oportunidade de contar através das histórias e dos desenhos vivenciam inúmeras possibilidades ao recriar uma realidade usando a imensa dimensão simbólica, na expectativa de serem escutados, como disse Luiza: “as famílias são nossa e como são diferentes aqui, nem pensei que era e são”.

Os Projetos Psicomotricidade Relacional e Educação Parental não funcionariam se acontecessem individualmente, foi necessário o compartilhamento de aprendizagens com todos os atores. Foi necessário incluir as crianças como sujeitos ativos em suas ações, contempladas dentro deste processo. Vale mencionar que, não enfatizamos nos problemas familiares e sim, ao mobilizar em alternativas dialógicas e cooperativas, para que as crianças lidassem com as adversidades, de maneira a minimizar ou superar os medos de não serem ouvidas no contexto familiar e escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apostamos e salientamos a necessidade de construir uma proposta ouvindo o que as crianças sabem e querem nos contar sobre as diferentes estruturas familiares. Foi exatamente isso que, a disciplina: Infância, globalização e participação do grupo social das crianças proporcionou ao propor uma intervenção com e não para as crianças, o que somente foi possível pela parceria nos Projetos Educação Parental e Psicomotricidade Relacional ao alicerçar uma construção **com** as crianças sobre as diferentes estruturas familiares.

Nas rodas dialógicas envolvendo as contações vivenciais e os desenhos criados pelas crianças, tivemos a oportunidade de compartilhar conhecimentos, dúvidas e aflições, além de descobrir que podemos falar **com** e não somente falar para elas, como contou Cristina: *“nossa, saímos do lugar e aí fomos conhecendo as famílias dos amigos da escola e a nossa família também”*.

Salientamos que a escuta atenta ao estabelecer um diálogo com as crianças são elementos chave para problematizar sobre as diferentes estruturas familiares. Outro fator potencial é a parceria entre/com os professores e as crianças no ambiente escolar, sem esquecer os familiares, que são e fazem a diferença nesse coletivo. Os resultados da ação apontaram que, as crianças não eram ouvidas, o que justifica defender um trabalho interdisciplinar entre/com elas, os familiares e os educadores numa parceria de atuações, onde todos possam opinar e (re)pensar estratégias interdisciplinares.

REFERÊNCIAS

- AMARO, F. **Sociologia da Família**. Lisboa: ISCSP. Pactor - Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação, 2014.
- BROFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Experimentos naturais e planejados. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius; revisão técnica: Maria Leticia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CRUZ, S. H. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**- São Paulo: Cortez, 2008.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 14. Ed. Campinas: Papirus, 2007.
- JAPIASSU, H. **O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil - Psicomotricidade: alternativas pedagógicas**. Porto Alegre: Ed. Prodil, 1995.
- PROTASIO, M. **Entre desenhos, histórias e processos metacognitivos: a construção de caminhos para o ensino da língua materna**, 2009. Disponível em: <<http://www.uab.furg.br>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber Livro, 2011.